



**Homily of His Eminence Frank Cardinal Leo
Metropolitan Archbishop of Toronto
Stewardship Sunday - 20 September 2026**

Caríssimos irmãos e irmãs no Senhor,

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Hoje celebramos o Domingo da Gestão Responsável, assinalado anualmente em toda a Arquidiocese de Toronto, no terceiro domingo de setembro. À primeira vista, a parábola ensinada por Nosso Senhor não parece tratar da gestão responsável. Parece antes falar de uma vinha, de práticas invulgares de contratação e de salários aparentemente injustos. Contudo, se a escutarmos com atenção, descobriremos que ela fala, na verdade, da forma como vivemos e acolhemos aquilo que nos foi confiado.

Reparemos na forma como a parábola se desenrola. O proprietário da vinha sai repetidamente: de madrugada, a meio da manhã, ao meio-dia, durante a tarde e até mesmo à décima primeira hora. Deus não nos chama uma única vez: ao longo da vida dirige-nos convites sucessivos. A gestão responsável consiste, portanto, em escutar estes apelos cheios de graça e em corresponder fielmente ao momento da vida em que nos encontramos.

A dificuldade surge quando os trabalhadores da primeira hora deixam de viver o momento que lhes foi dado. Passam a medir todo o seu dia em comparação com a última hora dos outros. A comparação afasta-os da sua própria vocação e impede-os de ver a situação daqueles que chegaram mais tarde. Os que permaneceram na praça até à última hora não estavam de férias – tinham sido rejeitados, preteridos. Qualquer pessoa que já tenha estado desempregada conhece a dor de ser ignorada e o receio de não ter o suficiente, de não conseguir assegurar sequer o indispensável para viver. Imaginemos, por isso, a sua alegria e o seu alívio ao receberem o “salário habitual de um dia de trabalho”. O “salário” que lhes foi dado não é o pagamento por uma hora de trabalho: é o sinal da misericórdia de Deus, que lhes restitui a dignidade e manifesta a sua generosidade e cuidado providencial para conosco.

Um dos grandes perigos da vida espiritual – e, de facto, de todo o nosso caminho de fé – não consiste apenas em *deixarmos de acolher e receber o que nos foi dado*. O perigo também está em desviarmos a nossa atenção para outra pessoa ou para outra realidade. Podemos trabalhar durante muitos anos na vinha do Senhor e, ainda assim, deixar-nos levar pelo ressentimento, pela rotina ou por um cálculo silencioso. Podemos permanecer fiéis por fora e, ainda assim, perguntar-nos: “Porque é que a minha vida é mais difícil? Porque é que os outros têm mais com menos esforço?” Quando estas perguntas criam raízes, a gestão responsável desfaz-se – não porque deixamos de trabalhar, mas porque deixamos de confiar. O nosso olhar deixa de repousar na presença e na graça de Deus e fixa-se em nós próprios e nos limites do nosso coração.



Voltemos à parábola. O proprietário responde com toda a franqueza: “Não combinaste comigo receber o salário habitual de um dia?” Por outras palavras: “Aquilo que te dei não te basta?” A gestão responsável não consiste em maximizar a produção ou os rendimentos, mas sim permanecer fiel ao que Deus nos concede hoje e encontrar formas de partilhar ainda mais. Os trabalhadores da primeira hora receberam o salário completo por um dia de trabalho na vinha; porém, ao desviarem o olhar para os outros, transformaram um dom numa causa de amargura.

Quando passamos a olhar para o nosso trabalho, para a família, para as amizades e para as responsabilidades de cada dia não como lugares privilegiados de encontro com Deus, onde a sua graça se manifesta, mas como fardos penosos que apenas suportamos com sacrifício, perdemos de vista a presença, o amor e a ação de Deus – e também uns dos outros. Os companheiros de trabalho tornam-se concorrentes, pesos ou estranhos, e começamos a imaginar que a graça se encontra noutro lugar: noutra hora, noutra vocação, noutra vida.

A graça, o amor de Deus, a sua presença e a sua ação em nós e à nossa volta encontram-se no chamamento que vivemos no momento presente, no aqui e agora. Esta verdade é profundamente libertadora. A gestão responsável não consiste em construir uma vida perfeita de serviço, mas em viver com fidelidade a hora que nos é dada, permanecendo presentes diante d’Aquele que, com amor incessante, está sempre presente e atua na nossa vida e no mundo que nos rodeia.

Quando permanecemos na presença de Deus, de forma consciente e amorosa, a generosidade brota em abundância. A vinha não é uma realidade abstrata; é aqui: na nossa paróquia, nas nossas casas e nas discretas responsabilidades que preenchem os nossos dias. Deus coloca-nos uns ao lado dos outros, cada um com os seus dons e os seus fardos. Parte da gestão responsável consiste em acolher o nosso próprio chamamento e também em reconhecer, honrar e dar espaço ao chamamento dos outros.

Estar disponível às graças que nos são oferecidas leva-nos a perguntar: “O que me pede o Senhor neste momento?”, em vez de: “Quanto devo dar?”. O que nos move não é a comparação, mas a compaixão; não é a obrigação, mas o amor. O Senhor sai repetidamente ao encontro de trabalhadores para a sua vinha, assinalando cada hora do dia com a iniciativa da sua graça. Cada hora — seja a primeira ou a última — passada na vinha é tempo vivido com Ele, e nenhum instante é espiritualmente insignificante, como escreveu Gerard Manley Hopkins: “O mundo está repleto da grandeza de Deus.”

Permanecer. Habitar. Acolher a hora que nos é dada, sem nos compararmos com os outros. Confiar no Senhor que nos chama, mesmo quando não compreendemos os seus desígnios. Eis o discreto convite que o Evangelho hoje nos dirige: regressar ao momento presente e acolher de novo a realidade concreta da nossa vida, não como algo a medir, mas como um dom que nos foi confiado. No fim de contas, o salário não é o essencial. O verdadeiro dom é sermos convidados a viver, trabalhar, alegrar-nos, dar graças e a amar na presença do Senhor, e Mestre. Afinal, é Ele próprio o verdadeiro dom.